

---

## O POTENCIAL DIDÁTICO DAS FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO URBANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

The didactic potential of urban space photographs in geography education

El potencial didático de las fotografías del espacio urbano en la enseñanza de geografía

Alcimar Paulo Freisleben\*  
Nestor André Kaercher\*\*

\*Doutorando POSGEA/UFRGS – uttamadesign@gmail.com.

\*\* Professor POSGEA/UFRGS – nestorandrek@gmail.com.

Recebido em 26/08/2018. Aceito para publicação em 05/06/2019.  
Versão online publicada em 10/09/2019(<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

---

### Resumo:

Buscando compreender as potencialidades didáticas das fotografias e sua função de estimular o aluno à reflexão sobre as dinâmicas e processos que moldam as cidades, realizamos atividades de análise de fotografias do espaço urbano (dos livros didáticos de Geografia e feitas pelos alunos); com estudantes da rede pública de ensino do estado do Paraná (Ensino Médio e Universitário). A fotografia é um recurso importante para o professor na construção dos conceitos geográficos (como o do espaço), portanto é necessário que o professor de Geografia aproxime o aluno de metodologias de ensino que utilizem a fotografia em suas aulas.

**Palavras-chave:** Fotografia, Livro Didático, Ensino de Geografia

### Abstract:

Seeking to understand the didactic potentialities of the photographs and their function of stimulating the student to reflect on the dynamics and processes that shape the cities, we carry out activities of analysis of photographs of the urban space (of the didactic books and made by the students); with students from the public school system of the State of Paraná - Brazil (High School and University). Photography is an important resource for the teacher in the construction of geographic concepts (such as space), so it is necessary for the Geography teacher to bring the student closer to teaching methodologies that use photography in their classes.

**Key-words:** Photography, didactic Book, Geography education.

### Resumen:

Buscando comprender las potencialidades didácticas de las fotografías y su función de estimular al alumno a la reflexión sobre las dinámicas y procesos que moldean las ciudades, realizamos actividades de análisis de fotografías del espacio urbano (de los libros didácticos de Geografía y hechas por los alumnos); con estudiantes de la red pública de enseñanza del estado de Paraná (Enseñanza Media y Universitaria). La fotografía es un recurso importante para el profesor en la construcción de los conceptos geográficos (como el del espacio), por lo que es necesario que el profesor de Geografía acerque al alumno de metodologías de enseñanza que utilicen la fotografía en sus clases.

---

**Palabras clave:** Fotografia, Libro Didáctico, Enseñanza de Geografía.

## 1 Introdução

Desde Comenius<sup>i</sup> (1658), as imagens já apareciam como tendo um potencial educativo. Nos dias atuais, elas não aparecem mais apenas como partícipes da criatividade, mas também, tendo uma dimensão pedagógica, uma potência subjetivadora e questionadora.

As imagens fotográficas se apresentam como algo que precisa ser compreendido. Este “alfabetismo visual”, quer dizer que somos mais influenciados pelo mundo imagético que nos cerca, pelas subjetividades e pelas possibilidades de interlocução do conhecimento, do que pelas leituras ou pelo que ouvimos cotidianamente.

Seguindo esta linha de pensamento, Veiga-Neto nos provoca: “somos analfabetos para a leitura das imagens, [...] valorizamos apenas um segmento do conhecimento: aquele que vem da palavra oral ou, mais ainda, escrita” (1999, p. 125).

Portanto poderíamos afirmar que só somos alfabetizados parcialmente. Na escola aprendemos a ler e decifrar basicamente só textos. Para Bondía (2002), a falta de motivação dos jovens, advém sobretudo porque a escola mantém procedimentos de ensino e aprendizagem em relação com os textos, que seriam menos atrativos aos alunos em relação as imagens do mundo pós alfabético.

As fotografias são representações que nós professores ainda não compreendemos muito bem, apesar de vivermos em um mundo onde elas estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano. Hoje vivemos em uma era de informações associadas diretamente às imagens. Saber interpretar os signos visuais tornou-se uma necessidade aos profissionais do ensino. E por isso o estudo associado às imagens se tornou um importante instrumento do professor, para efetuar seu trabalho, tanto em pesquisas como no dia a dia em sala de aula.

Contudo, antes de somente utilizar a imagem como uma simples ilustração ou um apêndice de suas aulas, seria importante para o professor compreender a imagem dentro de alguns parâmetros teóricos. Pensar nela como parte integrante de um universo visual que pode ser de origem diversa, tais como, cinema, história em quadrinhos, charges, artes plásticas e a fotografia.

Num exercício de crítica, reflexão e confronto com fotografias dos livros didáticos de Geografia que mostram o espaço urbano bem localizado, rico e com boa infraestrutura e daquele distante, pobre e com muita precariedade de equipamentos e serviços públicos, Benjamin nos auxilia por meio do conceito de imagem dialética, onde o embate entre o distante e o próximo é pensando nas tensões e oscilações de presença e ausência, numa espécie de jogo dialético visual.

Para Benjamin (2006), somente as imagens dialéticas podem ser consideradas imagens críticas e autênticas, pois obrigam as pessoas a olharem-na verdadeiramente, fazendo delas uma potência de reflexão e criticidade.

A imagem dialética para Bragança (2014), entende-se como:

Interpretação crítica do pas-sado e do presente, pois não há imagem crítica sem um trabalho crítico da memória e sua figura do presente reminescente. Tem-se, desta forma, uma imagem de crítica e memória ao mesmo tempo, uma novidade radical capaz de reinventar o originário, de criar conhecimentos. Esta imagem de crítica e memória opera, de um lado, como forma e transformação, e, de outro lado, como conhecimento e crítica do conhecimento [...]. Ela não se fecha em nenhuma autolegitimação ou certeza de si, é sempre aberta e inquietante, em constante movimento (p. 160).

Assim, o dinamismo inquietante das imagens fotográficas, nunca se impôs com tanta força como em nosso mundo contemporâneo. Mas entendê-las e analisá-las é um trabalho que requer um certo conhecimento. Mesmo as fotografias dos livros didáticos são um desafio para nós professores, por isso torna-se fundamental a pesquisa mais aprofundada sobre elas.

Para Belmiro (2000), ao longo da história da inserção da imagem em diferentes instâncias do espaço escolar e nos materiais produzidos para esse espaço, o livro didático vem se destacando. As situações de uso das imagens são recorrentes, evidenciando alguns pontos de sua contextualização sócio-histórica, em meio a políticas educacionais: como indicador do processo de modernização porquê vem passando; como meio de trazer para dentro da sala de aula linguagens renovadas que circulam no dia a dia dos indivíduos; como tradução didático-metodológica de um ponto de vista, sobre as relações de ensino-aprendizagem da Geografia.

A análise e a interpretação de fotografias é um procedimento que gradativamente vem sendo mais explorado no cotidiano da sala de aula. Este trabalho busca mostrar a importância do educador investir na capacitação para a prática da leitura crítica das fotografias que se apresentam no livro didático de Geografia, de modo mais sistemático e significativo.

De acordo com Tonini (2003, p. 35), “ler imagens criticamente, implica aprender como apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando ao mesmo tempo a forma como elas são construídas e o modo como operam na construção do conhecimento geográfico”. No que se refere à Geografia, essa leitura das imagens e da realidade que nos cerca, é fundamental enquanto prática de ensino, pois a fotografia permite uma compreensão mais ampla dos fenômenos que ocorrem no espaço urbano.

Em um tempo marcado pela velocidade das informações e pela grande circulação de imagens, a escola tem sido convocada a rever suas práticas e seus objetivos. Entendemos que a sociedade contemporânea mobiliza novas dinâmicas sociais no espaço urbano - já que atualmente grande parte da população se concentra nas cidades, local onde estabelecemos nossas relações sociais, como de amizade, familiar, cultural etc. - e também novos processos de aprendizagem, sobretudo, aqueles mediados pelas fotografias encontradas nos livros didáticos.

A fotografia não substitui textos ou outras fontes de informação do livro didático de Geografia, mas complementa ou é complementada por estas fontes, na busca da verdade que pretende se estabelecer. Por esta razão a leitura do espaço através da fotografia deve ser feita numa perspectiva problematizadora onde prevaleçam questionamentos sob diferentes pontos de vista, de modo a facilitar as múltiplas interpretações pelos alunos.

Ler o espaço urbano através de uma fotografia consiste em observar, descrever, analisar e interpretar suas diferentes expressões atribuindo significados aos diversos elementos que a compõem. Tonini (2003), nos alerta que as imagens e os discursos difundidos, tratam de diferentes posições sobre as dimensões físicas, sociais, econômicas e culturais.

A disseminação dessas infografias atua no imaginário dos alunos favorecendo determinados interesses e espacialidades geográficas (em detrimento de outras), produzindo significados específicos e estereotipados, legitimando uma ordem estática sem referência às mudanças, alteração de funções, ignorando a instabilidade histórica e as contradições sociais (p. 16).

Mas como as imagens do espaço urbano são construídas pelos alunos? São construídas pela práticas sócio-espaciais cotidianas dos alunos, que produzem seu modo de vida, seus desejos e valores. Pela busca ao direito à cidade, a um espaço/lugar em que ele se identifique. “Os alunos inseridos em seus contextos socioculturais, com suas interações, criam e produzem suas próprias culturas. Assim no seu cotidiano, estabelecem formas próprias de ler e explicar o espaço, sendo sujeitos geográficos” (THEVES, 2018, p. 70).

Os registros fotográficos eleitos a compor os processos geográficos, é o que poderíamos chamar de *foto geografia*<sup>ii</sup>. E que permitem que o olhar do fotógrafo (e do leitor da fotografia), vislumbre as transformações (ambientais, sociais, históricas), que ocorrem no espaço geográfico, e que diante do seu papel de suscitar diversas leituras, permitam a construção de uma narrativa precisa dos fenômenos, paisagens e espaços registrados.

Para Silva e Moura (2004, p. 180-181):

A imagem é entendida de várias maneiras, possui funções representativas, informativas, simbólicas, documentais, expressivas, pedagógicas, entre outras. Estas funções podem ser captadas nas mais diversas paisagens, pois a fotografia é um instrumento que a maioria dos fotógrafos profissionais utilizam para captar fragmentos da paisagem. As funções das imagens decorrem dos objetivos que se quer alcançar. Sendo assim, uma mesma imagem pode possuir diferentes funções atendendo a interesses distintos.

A fotografia é uma representação que possibilita registrar, ver e interpretar o mundo. É um instrumento de conhecimento e de história ao fornecer informações sobre objetos, lugares e pessoas, em formas visuais tão diversas, e preservá-los no tempo pela sua representação. As imagens com valor documentário, na explicação de Kossoy (2001), representam um meio de reconhecimento da cena passada, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sócio-histórico. Diante dessas considerações, podemos afirmar o perfil transdisciplinar do documento fotográfico.

As imagens que cada um cria da cidade sofrem a influência de vários agentes do espaço, como a mídia, os gestores, os planejadores, os agentes imobiliários, e a própria população que se utiliza desse espaço. O aluno como sujeito integrante na construção de práticas espaciais da cidade, também possui uma relação com os espaços de seu convívio cotidiano e é na escola; principalmente nas aulas de Geografia; que ele vai compreendendo melhor esta relação (muitas vezes subjetiva/sentimental) com sua cidade.

Assim, a linguagem visual; como é a fotografia; impacta diretamente na emotividade do aluno, isso significa que os signos, antes de adquirirem um significado racional, penetram na mente de uma forma muito mais direta. O aprendizado de conceitos, a crítica racional e a reflexão sobre o significado de uma imagem, não se realizam exclusivamente através de meios racionais ou lógicos. É um processo que além de subjetivo, está em permanente construção/reconstrução.

Quando o conteúdo trabalhado é feito através do estímulo visual, se percebe um maior interesse da parte do aluno. Mas é preciso que o aluno aprenda a ler e compreender estas fotografias. O uso da fotografia aguça o olhar facilitando a compreensão e inserindo o aluno no universo pesquisado. Segundo Gomes (1996), a imagem fotográfica, ao registrar a experiência, pode provocar novas percepções, produzindo a subjetividade inerente ao ato de olhar e immortalizando os fatos e os espaços captados, contextualizando-os.

Os seres humanos, através de sua forma de se organizar em determinados territórios, de influenciar determinados espaços, de usufruir de lugares específicos, de deslocar e viver na cidade vão formando sua imagem da cidade e construindo a partir daí sua prática espacial, conforme Santos (2007). As imagens da cidade são construídos pelas ideologias dominantes (Estado, publicidade), pela internet e também

pelas fotografias (impressas e digitais) nos diversos materiais que utilizamos cotidianamente, inclusive nos livros didáticos.

Por que um pesquisador deveria incorporar a análise de imagens (fotografias) à sua pesquisa? Uma boa razão conforme Banks (2009), é que as imagens são onipresentes na sociedade e, por isso, algum exame de representação visual pode ser potencialmente incluído nos estudos de sociedade. Na pesquisa quantitativa, imagens como tabelas, gráficos, diagramas, etc., são outra maneira de apresentar os resultados basicamente textuais ou numéricos dos dados, enquanto “na pesquisa mais qualitativa as imagens geralmente são objetos de pesquisa e serão submetidas a algum tipo de análise” (BANKS, 2009, p. 56).

Os estudantes e os professores cada vez mais precisam compreender estes elementos e as linguagens que constroem nosso olhar e nossa visão de mundo. Para isso existem várias atividades com fotografias, que podem ser desenvolvidas com os alunos nas aulas de Geografia. A que desenvolvemos seguiu um roteiro previamente elaborado com objetivos definidos. A atividade tinha como proposta que o aluno fizesse uma análise de caráter comparativo das fotografias do espaço urbano brasileiro.

## 2 Entendendo a fotografia através das atividades

Analisar um espaço geográfico através de uma imagem fotográfica consiste em procurar fazer relações dos elementos identificados entre si, ou no seu conjunto, relacionando-os com conhecimentos geográficos anteriores. A análise tem por objetivo dar sentido aos elementos presentes na fotografia ou encontrar explicações (e soluções) para o arranjo espacial ali retratado, e pode ser feita a partir da observação destes elementos do espaço urbano, sejam eles naturais (relevo, cobertura vegetal e hidrografia) e outros construídos pela ação humana (cidades, estradas, praças etc.).

Analisar o espaço urbano por diferentes olhares, possibilita o desenvolvimento do senso crítico ao reconhecer os diferentes interesses manifestados sobre o mesmo espaço. A partir do levantamento dos diferentes pontos de vista é possível encaminhar discussões que procurem explicar o porquê daquele espaço urbano ter ou não sofrido intervenção humana. Quem são os agentes modificadores e quais os interesses em jogo.

A cidade é, neste sentido, “o campo da experiência moderna por excelência, espaço onde o sujeito encontra os estímulos que provocam à sua cognição de maneira ininterrupta. É lugar de entorpecimento, tanto quanto de possibilidade de revelação” (COSTA, 2010, p. 76).

Para dinamizar o ensino de Geografia podemos usar atividades interativas que utilizam a fotografia. A que preparamos foi a Atividade de

Leitura do Espaço Urbano através da Fotografia. Foi realizada no ano de 2018, com 55 estudantes: 16 alunos do 2º ano (tarde) do Ensino Médio, do Colégio Estadual Mario de Andrade (CEMA) de Francisco Beltrão/PR; 23 acadêmicos, do 3º ano do curso de Licenciatura em Geografia (noite) e 16 acadêmicos, do 4º ano do curso de Pedagogia (manhã), ambos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Francisco Beltrão/PR.

### 3 Metodologia

A metodologia utilizada foi a seguinte:

- *Atividade de Leitura do Espaço Urbano através da Fotografia – comparando fotografias de espaços urbanos diferentes.*

Nesta atividade foram utilizadas fotografias do livro didático de Geografia e feitas pelos alunos, seguidas de um questionário com perguntas:

A atividade se desdobrou em dois momentos:

No primeiro encontro o pesquisador se apresentou e explicou como se desenvolveria a atividade, por meio de uma aula de 45 minutos no multimídia, com exemplos de fotografias do livro didático de Geografia e feitas pelo pesquisador. Após esta exposição o aluno deveria escolher e registrar com o celular uma fotografia do espaço urbano brasileiro do livro didático de Geografia. Posteriormente deveria fazer uma fotografia do espaço urbano (da sua cidade), com a mesma temática da fotografia escolhida do livro didático de Geografia identificando-a (local, cidade, data) e enviar as duas fotos para o email do pesquisador.

No segundo encontro (na semana seguinte), após o pesquisador ter feito a impressão e colado as fotografias no questionário, os alunos analisaram comparativamente as duas fotos, respondendo as seguintes perguntas do questionário:

1. Aponte os problemas e sugira soluções para estes locais fotografados.

2. Fotos do livro didático de Geografia ajudam no aprendizado da Geografia? Por quê?

A partir de atividades didáticas com fotografia e texto (respostas do questionário), buscamos favorecer a reflexão sobre o espaço urbano em que vivemos e instigar possíveis soluções para seus problemas.

### 4 Atividades com os alunos utilizando fotografias do espaço urbano brasileiro

Na sequência analisaremos algumas respostas <sup>iii</sup>da atividade. Começamos com a questão: Aponte os problemas e sugira soluções para estes locais fotografados. Esta questão buscava que o aluno refletisse sobre os problemas destes espaços urbanos retratados, ou daqueles de sua cidade e também aponta-se alguma solução. Os alunos não tiveram dificuldades em encontrar os problemas urbanos, pois estão bem explícitos nas fotografias, como: habitações precárias, pobreza, violência, poluição, trânsito, enchente, desmoronamento, especulação imobiliária, transporte e solo impermeabilizado.

Apontar soluções para estes locais, é uma tarefa mais difícil, mas vale aqui o exercício de se pensar alguma nova possibilidade para os inúmeros problemas do nosso espaço urbano. Os alunos sugeriram o seguinte: educação, financiamentos de terrenos a preços populares, emprego, diminuição da poluição, remover os moradores de áreas de risco, políticas públicas, transporte público de qualidade, obras contra enchentes/desmoronamento, leis ambientais mais duras/fiscalização, reflorestamento e planejamento urbano.

Muitos alunos escolheram fotos (no livro didático), de espaços com diversas precariedades e pouca infraestrutura, principalmente de favelas ou áreas de risco.

Para a aluna A1, que analisou fotos de uma favela em Belo Horizonte e de um bairro de classe baixa, na periferia de Ampére/PR (fotografias 1 e 2), por ser uma favela (em Belo Horizonte) em uma área de risco de desmoronamento/deslizamento, “uma solução seria deslocar esses moradores para bairros construídos e financiados pelo governo, ou até pagos pelos moradores a preços baixos”.

A solução pode ser plausível, mas considerando o tamanho da empreitada, o custo de tal deslocamento de milhares de pessoas e a inércia dos governos, a própria aluna percebe que é mínima a possibilidade de isso acontecer: “mas sei que é uma realidade difícil de ser concretizada”.



Fotografias 1 e 2 – Favela em Belo Horizonte, 2012 e bairro na periferia de Ampére, 2018

Fotos: Marcos André/Opção Brasil Imagem e A1  
Fontes: Geografia Homem & Espaço 7ª série, 2017 e arquivo pessoal

Também o aluno A2 do Ensino Médio, acredita que as soluções devem vir do poder público: *“se partir só dos moradores, a solução para o problema das favelas é praticamente impossível”*. Acreditamos que a busca por soluções ou melhorias na questão habitacional brasileira, deve ser feita com pressão política, através de movimentos sociais organizados.

Outro grupo de alunos analisou fotografias que mostravam espaços urbanos degradados ambientalmente (cidades sem arborização, rios poluídos e sem mata ciliar, poluição do ar etc.), as respostas evocaram maior fiscalização e multas e mais iniciativas da parte das prefeituras, reflorestando e preservando as árvores, como acredita A3, aluno da Licenciatura em Geografia, analisando uma fotografia da poluição de São Paulo e outra de sua cidade: *“São Paulo deveria seguir o exemplo de Francisco Beltrão, que é uma cidade com muitas árvores, com menos carros e fábricas. Aqui a poluição do ar quase não existe, o céu é sempre azul”*.



Fotografias 3 e 4 –São Paulo, 1988 e Centro de Francisco Beltrão, 2018  
Fotos: Ricardo Giraldez/Visão e A3  
Fontes: Geografia 1ª grau –1990 e arquivo pessoal

A próxima pergunta da atividade, era a seguinte: Fotografias dos Livros Didáticos de Geografia ajudam no aprendizado da Geografia? Por quê?

Para praticamente a maioria dos alunos as fotografias ajudam no aprendizado dos conteúdos da Geografia. Para alguns alunos uma referência visual é mais eficiente para o aprendizado do que somente um texto, como esclarecem os alunos do Ensino Médio. Segundo A4: *“ajudam muito, porque uma foto é uma ilustração e geralmente as pessoas aprendem melhor e mais rápido, quando tem o contato visual com o conteúdo que estão estudando”*. Para A5 elas também ajudam: *“pois além da explicação do texto, exemplos visuais ajudam no aprendizado, pois existem alunos que aprendem melhor vendo do que apenas lendo”*. E A6 também concorda: *“porque as fotografias ajudam a visualizar o local estudado, fazendo com que se tenha mais atenção e dedicação a aula. Se fosse só texto, o aluno só poderia imaginar o local”*.

Segundo A7 elas ajudam: *“pois permitem que o aluno possa*

*relacionar o conteúdo com a fotografia, facilitando a sua compreensão*”. A8 também concorda porque: *“o texto tem seus limites na Geografia, já através de uma fotografia o aluno consegue desenvolver diversos aspectos e perspectivas diferentes dos locais e do espaço geográfico [...]”*.

E conforme A9: *“porque os alunos conseguem realmente visualizar o conteúdo e entender os conceitos geográficos de modo menos abstrato”*. As respostas que mais apareceram foram: as fotografias comunicam mais facilmente/diretamente; são mais atrativas que o texto; ilustram o texto; são exemplos visuais; facilitam a compreensão dos conceitos geográficos; permitem o aluno fazer uma relação com o conteúdo; complementam o conhecimento e permitem conhecermos lugares distantes.

Quase todos os alunos (54), concordam que as fotografias dos livros didáticos de Geografia, de alguma forma ajudam no aprendizado de Geografia. Somente A10, da Licenciatura em Geografia, não acredita que ajudem: *“porque tratam superficialmente dos problemas, são fotos de cidades grandes e muitas vezes fora do Brasil”*.

Podemos notar - por meio das respostas interessantes que foram aparecendo - que o aprendizado aconteceu, como a da aluna A11 do Ensino Médio, que analisou comparativamente fotografias de habitações nos morros urbanos de São Paulo e Francisco Beltrão-PR (Fotografias 5 e 6) e notou que nem sempre nestes locais se encontram moradias precárias. Na sua cidade é justamente ao contrário: *“Em ambas fotografias há morros, mas as casas possuem diferenças econômicas e estéticas. Em São Paulo geralmente nos morros estão as favelas. Em Beltrão os condomínios fechados com casas grandes e bonitas”*.



Fotografias 5 e 6 - Favela em São Paulo, 2011 e Bairro Industrial–Fco.Beltrão, 2018

Fotos: Pascal Maitre/Gamma e A11

Fontes: Geografia: a América, 1º grau, 1984 e arquivo pessoal

Segundo ainda a aluna A11 existe uma diferença *“de qualidade de vida entre os dois locais”* e para A12 é *“uma diferença social”*.

É importante os alunos perceberem que as cidades não são todas iguais e apresentam suas particularidades, mas mais importante é refletirem: porque em São Paulo é assim e sua cidade é diferente?

O fato das fotografias do livro didático de Geografia serem somente de cidades grandes e de lugares fora do Brasil, depende muito do autor, da editora, da série a que o livro se destina e dos temas abordados. A maioria das fotos ainda são de cidades maiores, mas fotos de cidades menores também são usadas nos livros didáticos de Geografia.

E sobre as fotografias do livro didático de Geografia não ajudarem no aprendizado da Geografia, este artigo mostra que é justamente ao contrário: as fotografias do livro didático são um recurso didático importante no ensino de Geografia. Mas algumas vezes as fotografias destes livros não conseguem aprofundar uma determinada temática, talvez porque o livro didático de Geografia trata de muitos temas, que são vistos rapidamente.

É tarefa do professor de Geografia complementar a aula com outros materiais didáticos e com novas metodologias (como as que utilizam a fotografia). Extrair destas imagens fotográficas os sentidos ocultos e engessados de um documento do real, de uma representação fidedigna, buscar ressignificar as fotografias presentes nos livros didáticos de Geografia, submeter estas fotografias a reflexão e análise dentro das aulas de Geografia é função do professor. Para Kaercher (2013):

Estamos acostumados a reclamar das ausências e lacunas dos livros didáticos [...]. Sabemos ser impossível um livro dar conta de todo conteúdo. O protagonismo é do professor. É ele que precisa selecionar os conteúdos, sempre tão vastos e interessantes. Também a metodologia, as perguntas, as maneiras de abordar o assunto caberá ao professor escolher e propor (p. 19).

Também é fundamental que estas fotografias do livro didático de Geografia sejam contextualizada num espaço/tempo. Sem esta contextualização dificilmente o aluno conseguirá perceber os conflitos, as contradições econômicas, sociais, ambientais e políticas presentes na sociedade atual, principalmente no espaço urbano do nosso país.

## 5 Conclusões

Percebemos diferenças consideráveis em grande parte das respostas dos alunos do Ensino Médio e dos Universitários. As respostas dos alunos do 2º ano do Ensino Médio se concentraram mais na Geografia Física (rios, morros, enchentes, desmoronamentos, meio ambiente), não apresentavam uma grande diversificação, as idéias eram mais homogêneas.

Já os alunos universitários responderam se baseando menos na Geografia Física, os assuntos eram mais atuais e diversificados, as

preocupações mais voltadas à questões sociais como: qualidade de vida, especulação imobiliária, transporte público, classes sociais, corrupção, pobreza, favelização, educação, planejamento urbano e políticas públicas. Foram respostas com mais qualidade e reflexão e onde mais apareceram termos como: conceitos geográficos, espaço urbano, população, região, áreas de risco, logicamente que foi nas respostas dos alunos da Licenciatura em Geografia. O que demonstra um certo grau de conhecimento destes temas pelos futuros professores. Já, termos como: metodologias, educação, conhecimento, apareceram mais nas respostas dos alunos do 4º ano de Pedagogia.

Os alunos do 2º ano do Ensino Médio não lembraram dos conceitos geográficos e também termos como: especulação imobiliária, classes sociais, planejamento urbano e políticas públicas. E nas respostas sobre possíveis soluções (do espaço urbano das fotografias do livro didático de Geografia ou feitas por eles em suas cidades), se limitaram a soluções mais rápidas (remover os moradores de áreas de risco, obras de contenção de cheias, leis ambientais mais duras).

Propostas de longo prazo ou educativas (reflorestamento, políticas públicas, planejamento urbano, educação ambiental) quase não apareceram, isto é até compreensível, já que os mais jovens sempre buscam por soluções mais imediatistas (logo, menos planejadas/complexas) e ainda não tem a bagagem intelectual que os universitários possuem. Cremos que cabe à escola e as disciplinas desenvolverem leituras mais aprofundadas de mundo, mostrando aos alunos que não existem soluções rápidas ou milagrosas para fenômenos sociais complexos.

Mas mais do que respostas elaboradas sobre o espaço urbano e a reflexão sobre os problemas urbanos, o objetivo do trabalho era de dar oportunidade ao aluno de vivenciar a atividade. Acreditamos que o processo foi mais importante que as respostas. Assim, constatamos que de alguma maneira, a atividade foi útil aos alunos. E também poderá ajudar futuramente aos que se dedicarão a docência. Para Santi (2018), é fundamental pensarmos no “analfabetismo docente”, recuperando o sentido amplo da educação, em que professores também devem estar implicados em sua formação no mundo contemporâneo, que redefine o que é a escola e seu sentido. Entendemos ser fundamental pensarmos numa educação atualizada que incorpore a fotografia em suas diferentes possibilidades, o que significaria também pensar num alfabetismo para um mundo contemporâneo baseado em imagens. Neste sentido, se faz importante a construção de um ensino voltado as demandas atuais, que utilize a fotografia como uma ferramenta didática para o trabalho docente.

## Referências

BANKS, Marcus. Dados visuais para pesquisa qualitativa. Porto

Alegre: Artmed, 2009.

BELMIRO, Celia A. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. *Educação & Sociedade*. Ano XXI, no 72, ago/2000, p. 11-31.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.

BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. Disponível em:

<[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_L\\_ARROSA\\_BONDIA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_L_ARROSA_BONDIA.pdf)>. Acesso 14 maio de 2018.

BRAGANÇA, Juliana. *Fotografia e imagem*. Pós: Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 152 - 161, maio, 2014.

COSTA, Luciano B. da. *Imagem dialética e imagem crítica: fotografia e percepção na metrópole moderna e contemporânea*. Tese (Doutorado). FAUUSP, São Paulo, 2010.

GOMES, Patricia. *Da escrita à imagem: da fotografia à subjetividade*. Dissertação (Mestrado), UFRGS - Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 1996.

KAERCHER, Nestor A. Os movimentos que meus mestres me ensinam: DDD's, signos, alimentos, escadas, luzes, grenais. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; TONINI, Ivaine M.; KAERCHER, Nestor A. (orgs.) *Movimentos no ensinar geografia*. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso-Lugar-Cultura, 2013.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

SANTI, Angela M. *Imagem, Filosofia e Educação no Séc. XXI: o analfabeto do futuro será o que não sabe fotografar?* Prometeus – Rio de Janeiro, Ano 11, nº 26 – Janeiro - Abril/2018.

SANTOS, Eliete M.. *Caminhos de Geografia, Uberlândia v.8, n.24 Dez./2007 p. 33-45. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em: 2 out. 2017.*

SILVA, Renata M.; MOURA, Jeani D. P. O Uso da Fotografia no Ensino de Geografia. In: ASARI, Alice Y.; ANTONELLO, Ideni T. ; TSUKAMOTO, Ruth Y. (org.). *Múltiplas Geografias: Ensino, Pesquisa, Reflexão*. Londrina: Humanidades, 2004. p.175-190.

THEVES, Denise W. *Pelos labirintos da docência com os fios de Ariadne: Geografia e existência que (trans)formam a mim e meus alunos*. Tese (Doutorado) – UFRGS, Instituto de Geociências, POSGEA: Porto Alegre, 2018.

TONINI, Ivaine M. *Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia*. In: Mercator, ano. 2, n. 4, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. *De internet, cibercultura e inteligências*. Episteme. 1999, 1-6.

---

<sup>i</sup> Iohannis Amos Comenius (1592-1670), foi cientista, teólogo e professor. Ele foi conhecido como o pai da Didática e é um autor importante estudado na área da Educação, pois a democratização do ensino, era uma de suas constantes preocupações

<sup>ii</sup> Pela união entre a Fotografia e a Geografia, buscamos relacionar as dimensões do concreto e do imaginário, do visível e do não visível, traduzindo, com isso, percepções e interpretações sucessivas, complementares e reflexivas (SILVA e MOURA, 2004).

<sup>iii</sup> Usamos o critério de selecionarmos aquelas respostas mais originais, que nos chamaram a atenção por saírem do senso comum.